

Oficina de linguagem na atenção psicossocial: vez e voz do sujeito

Language workshop in the psychosocial care: the subject's turn and voice

Taller de lenguaje en la atención psicossocial: vez y voz del sujeto

Elaine Herrero* 

Ruth Ramalho Ruivo Palladino* 

Resumo

Introdução: A oficina de linguagem, tecnologia, por excelência, de trabalho com a saúde mental, é constituída por três pilares: protagonismo, potência criadora e a própria linguagem, como espaço de empoderamento. **Objetivo** Verificar a percepção dos participantes sobre os efeitos da oficina de linguagem, objeto deste estudo. **Método:** Foi feito um estudo transversal, descritivo, por meio da introdução de uma temática específica nas rodas de conversa da oficina em questão durante o período do recorte. As sessões foram filmadas por doze semanas, e as rodas de conversa foram transcritas. Utilizou-se a análise de conteúdo do tipo temática para análise e interpretação dos dados obtidos dos discursos dos seus participantes que exibiam a diversidade postulada em termos de idade, gênero, condição social e saúde. **Resultados:** Três categorias temáticas foram identificadas e selecionadas por sua relevância: enlaçamento social, protagonismo subjetivo e circulação discursiva. **Conclusões:** Os resultados apontam narrativas de empoderamento que as vivências da oficina proporcionam, com clara expressão de reconhecimento da assunção ao lugar de falante por todos, posicionamento fundamental para a possibilidade de alcançar vez e voz nas suas relações sociais.

Palavras-chave: Saúde Mental; Linguagem; Empoderamento; Centros de Convivência e Lazer; Grupos de Treinamento de Sensibilização.

Abstract

Introduction: The workshop of language, a technology *par excellence*, when working with mental health, consists of three pillars: protagonism, creative power and language itself as a space of

* Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC-SP, São Paulo, SP, Brasil.

Contribuição dos autores:

EH: Realizou a concepção do estudo, a metodologia, a coleta de dados, o esboço do artigo e a revisão.

RRRP: Supervisionou a concepção do estudo, a metodologia, o esboço do artigo, a revisão e a orientação.

E-mail para correspondência: Elaine Herrero - elaine.herrero@gmail.com

Recebido: 07/08/2020

Aprovado: 11/12/2020

empowerment. **Objective:** The aim of this study was to verify the perception of participants about the effects of the language workshop, object of this study. **Methods:** This research used the methodology of transverse, descriptive design. A specific theme was introduced in the Conversation Wheels of the workshop over a period of 12 weeks. Those sessions were filmed and the conversation wheels transcribed. “Thematic content analysis” was used to analyze and interpret the data obtained from the discourses of its participants. These participants exhibited the diversity postulated in terms of age, gender, social condition, health. **Results:** Three thematic categories were identified and selected for their relevance: social binding, subjective protagonism and discursive circulation. **Conclusions:** The results highlight narratives of empowerment that the experiences of the workshop propose, with clear expression of recognition of the occupation of the place of speaker by all, an essential prerequisite for the possibility of reaching time and voice in their social interrelations.

Keywords: Mental Health; Language; Empowerment; Centers of Convivance and Leisure; Sensitivity Training Groups.

Resumen

Introducción: El taller de lenguaje se considera la tecnología por excelencia para trabajar con la salud mental y se apoya en tres pilares básicos: el protagonismo; la capacidad creativa y el propio lenguaje en sí mismo como espacio de empoderamiento. **Objetivo:** Comprobar como perciben los participantes los efectos del taller de lenguaje **Método:** Se hizo un estudio transversal y descriptivo por medio de la introducción de una temática específica en las ruedas de conversación del taller durante su realización. Las conversaciones se fueron filmando durante las doce semanas de trabajo y se transcribieron. Se utilizó el análisis temático de contenidos para analizar e interpretar los datos obtenidos de los discursos de sus participantes que mostraron la diversidad propuesta respecto a edad, género, condición social y salud. **Resultados:** Se identificaron tres categorías temáticas y se seleccionaron por su importancia: las relaciones sociales, el protagonismo subjetivo y la circulación discursiva. **Conclusiones:** Los resultados muestran que las experiencias del taller proporcionan empoderamiento, al ir ocupando todos los participantes el puesto de hablante, siendo esto fundamental para poder tener voz y espacio en sus relaciones sociales.

Palabras clave: Salud Mental; Lenguaje; Empoderamiento; Centros de Ocio y Convivencia; Grupos de Entrenamiento Sensitivo.

Introdução

Ao longo do tempo, o olhar oferecido à loucura sofreu modificações, desde a errância explicitada pela “Nau dos Insensatos” descrita por Foucault¹, até o nascimento da Psiquiatria que acabou, por diferentes razões, operando uma espécie de discretização do papel, autonomia e desejo do sujeito².

Após a Segunda Guerra Mundial (1939/1945), a reforma psiquiátrica ganhou vigor: pela falência das instituições hospitalares como possibilidade de tratamento; pela descoberta de medicamentos psicotrópicos menos alienantes; pelo protagonismo dos laços sociais na constituição dos diferentes atores da estrutura social e da Psicanálise, que colocou em primeiro plano a questão da subjetividade, numa conjunção que “buscou olhar o sofrimento humano em articulação com o plano de vida”³ (pg. 175). E, finalmente, pelo delineamento de novas políticas

de Saúde Pública, sob outra reflexão sobre saúde e qualidade de vida.

No Brasil, este movimento, iniciado em meio a uma reforma sanitária que originou o Sistema Único de Saúde (SUS), se baseou neste enlaçamento ético-conceitual, constituindo um espaço clínico, sim, mas, sobretudo, político, social e cultural⁴. Quer dizer, ultrapassou as barreiras da clínica.

A reforma psiquiátrica brasileira propôs, entre outras, duas postulações importantes: 1) a ideia de a saúde mental ser uma questão de subjetividade, efeito da construção do laço social, e 2) a desinstitucionalização, como “um processo ético-estético, de reconhecimento de novas situações que produzem novos sujeitos de direito e novos direitos para os sujeitos”² (p.50); conseqüentemente, criando uma nova rede de serviços e cuidados, de caráter comunitário, que passou a sustentar um novo modelo de

atenção à saúde, denominado “modelo de atenção psicossocial”.

Este modelo apostou nos conceitos de território e de instituições abertas, lugares onde os laços sociais se estabelecem, estruturando a constituição subjetiva dos pares envolvidos nas diferentes experiências sociais. A consolidação da cidadania aí se inscreveu, na metáfora do direito à cidade.

Surgiram serviços vinculados ao conceito de “portas abertas”, como os Centros de Convivência que são “dispositivos intersetoriais, inseridos em um território e com ele articulado, com o objetivo de promover espaços de convívio e participação social para todas as pessoas desse território, incluindo aquelas que vivenciam diferentes formas de exclusão”⁵ (p.80).

O grande diferencial dos Centros de Convivência em relação aos demais serviços da rede de atenção em saúde mental (RAPS) foi propor a viabilização de projetos de vida para todos sem distinção alguma e essa decisão incluiu na reflexão uma ideia acerca da saúde mental, sem ter a doença como único foco de argumentação, expandindo-a enquanto contingência da cidadania. Estes espaços tiveram como alvo da atenção não só indivíduos que apresentavam transtornos mentais, mas quaisquer pessoas em situação de vulnerabilidade e, finalmente, qualquer um, independentemente de sua demanda subjetiva, de sua contingência existencial, visando a propiciar novas relações, num “contínuo crítico questionamento do desejo, da cidadania”⁶ (p.45).

Outro aspecto fundamental na constituição dos Centros de Convivência foi a ideia de território, ideia não particular a este serviço apenas, mas, nesse caso, adotado de modo singular, na medida que foi compreendido na amplitude da própria cidade, um direito existencial de todos. Quer dizer, o território, aqui, esparramou-se verdadeiramente para além dos muros, escapou dos prédios dos Centros e avançou pelas ruas, praças, parques, das regiões pré-determinadas. Isto representa um sentido radical para o cuidado em liberdade para com a pessoa humana ou, em outros termos, uma atitude radicalmente inclusiva.

Para contemplar com propriedade estes postulados, três aspectos foram considerados: 1- a heterogeneidade das pessoas envolvidas nas cenas sociais ali empreendidas, pois de *portas abertas*, 2- a diversidade técnica de profissionais envolvidos numa mesma proposta ética-política-terapêutica,

e 3- o objetivo criativo e autoral das atividades desenvolvidas, na ideia da “produção” a partir das diferenças, visando a proporcionar aos que ali estivessem, experiências sociais rumo à (re) descoberta de sua subjetividade, ou seja, direitos da pessoa humana.

Desde o início, os projetos dos Centros de Convivência visaram a articular a criação e a ação, propondo como tecnologia basilar do convívio social certo dispositivo, as oficinas⁷ (p. 21), que passaram, então, a ser desenvolvidas por meio de várias estratégias, oportunizando trocas afetivas, simbólicas e materiais, objetivando a promoção de diferentes experiências sociais, entre diferentes sujeitos. Enfim, visando a alcançar bem-estar e protagonismo subjetivo, supondo a “dimensão coletiva da existência”⁸ na constituição subjetiva.

As oficinas não constituem circunstância recente de lida com o humano em situação de vulnerabilidade e nem compõem uma proposição exclusiva dos Centros de Convivência. Vale notar que foi necessária uma construção histórica desta tecnologia, garantindo sua natureza disruptiva, negando sua “naturalização” na desconstrução das práticas manicomial⁹ (p. 07).

Há muito, oficinas foram espaços de confinamento e apagamento do sujeito com doenças mentais¹⁰, representando uma forma desumana de enfrentamento do sujeito humano.

Em nosso país, já na década de 1940, este dispositivo ganhava real valor terapêutico nas mãos de Nise da Silveira, que enfrentou as contingências mentais de seus pacientes sob um olhar particular a cada um, ousando a criação em oficinas de arte (sobretudo pintura), oferecendo um cotidiano humano, prazeroso, voltado a cada um em vivências sociais, fora das paredes de seus quartos, mesmo dentro de uma realidade hospitalar, no Centro Psiquiátrico Nacional, em Engenho de Dentro (RJ)¹⁰.

Essa tecnologia se configurou de diferentes maneiras nos diferentes serviços, sem perder sua natureza ética original, sendo “uma composição entre linhas de ação e de criação”⁷ (p.21).

Atualmente, são dispositivos fortemente utilizados nos novos serviços da rede de cuidados, com destaque para aqueles desenvolvidos nos CAPS e CAPSi, tendo presença constante na reflexão da área e, conseqüentemente, na produção científica.

Entretanto, nos Centros de Convivência, as oficinas foram revestidas de um sentido um pouco

distinto, efeito dos postulados radicalmente adotados pelo serviço.

Na medida em que este serviço se oferece enquanto possibilidade de convívio social a “qualquer um, independentemente de sua demanda subjetiva, de sua contingência existencial, visando a propiciar novas relações, num “contínuo crítico questionamento do desejo, da cidadania”⁶ (p.45), como já dito, o termo terapêutico, necessariamente, deve ser compreendido em seu sentido lato e não na restrição da doença mental. Na sequência, reformula-se a ideia de “sofrimento” e a inclui no espectro do “mal-estar” humano

O recurso das oficinas, nos Centros de Convivência, redimensiona o fazer terapêutico, buscando a possibilidade para todos de ascender ao lugar do protagonista, daquele que tem voz e direitos, um cidadão do ponto de vista social e, é fato, um sujeito da linguagem. Esse investimento se expande a todos os participantes deste projeto, favorecendo, desse modo, a inclusão social, a circulação social e a promoção de saúde física e mental, não apenas aos sujeitos com transtornos mentais, deficiências, e outras pessoas em situação de vulnerabilidade (idosos, usuários de substâncias psicoativas, moradores de rua, entre outros), mas também aos cidadãos comuns.

Uma oficina com presença importante nos Centros de Convivência é a “oficina de linguagem”, constituída por três pilares, projetos direcionados aos seus participantes: o protagonismo dos sujeitos, a potência criadora das relações estabelecidas ou a inter-anim(ação) constitutiva¹¹ e a própria linguagem, espaço de sustentação simbólica para o jogo social¹¹.

Isso vai ao encontro da humanização preconizada pela reforma psiquiátrica, já que o campo das humanidades é exatamente a linguagem, espaço de empoderamento, uma vez que a fala daqueles que estão fragilizados, por qualquer motivo que seja, por mais estridente que seja, não é ouvida nem merece crédito. O empoderamento resulta da possibilidade da pessoa em causa poder vir a ser um sujeito da linguagem, lugar do protagonista que tem voz e voz¹².

As oficinas de linguagem reconhecem a natureza discursiva desta tecnologia, exatamente porque opera “um processo de interanimação dialógica”, cumpre com excelência seus objetivos de “coconstrução interpessoal de identidades e proporciona o jogo constante de posicionamentos que faz fluir a

diversidade e o contraste entre versões”¹¹ (p.32), preservando a singularidade individual e a heterogeneidade de todos os envolvidos.

Em um centro de convivência da Cidade de São Paulo, é desenvolvida, desde 2017, a oficina de linguagem, “Quem não se comunica se estrumbica”, propondo que seus participantes circulem no espaço discursivo, ocupando diferentes posições na cena dialógica ali instaurada, numa operação de enlaçamento social. Isso viabiliza sua constituição enquanto autores, produtores de textos inéditos, capazes de terem vez e voz. Oferecida no regime de portas abertas, configura uma situação particular de experiências sociais: constante, mas diferente a cada vez. Nesse jogo de interações da oficina uma das hipóteses é de que o fonoaudiólogo, como um dos protagonistas, tenha um papel singular de provocador nesse processo, à medida que faz uma aposta na potencialidade do sujeito enquanto fundamentalmente um sujeito-falante.

Parece claro que o fonoaudiólogo não tem lugar nem função especial numa oficina como essa, na relação com outros tipos de oficina, oferecidos em outros serviços, guardada a ideia de que aí deve prevalecer a situação multiprofissional de ação. O que diferencia o processo é a *proposta da oficina* que determina certo trânsito do fonoaudiólogo nestas circunstâncias.

Nesta oficina, a suposição basilar é a de que o protagonismo subjetivo e o enlaçamento social, condições para a “saúde” mental^{2,6,7,9,12} de qualquer um, inclui livre circulação na estrutura do discurso e, nesse lugar, o fonoaudiólogo comparece, como provocador desta circulação, provocador de uma oposição do sujeito relativamente ao seu “congelamento” numa só posição, a de assujeitado. Enfim, agente de um descongelamento do sujeito, rumo à posição “sujeito de”¹². E, para tanto, neste caso, o fonoaudiólogo deve apenas transitar no diálogo, seu instrumento único, ferramenta única dos humanos para suas experiências sociais.

A “terapêutica” (ali oferecida a qualquer um), e que aqui tem seu sentido expandido, deve ser compreendida como *um gesto de linguagem*, ideia que é derivada de outra, a de que a saúde mental pode ser pensada como *o campo das vicissitudes do sujeito em meio à passagem pelos desfiladeiros da linguagem*¹³ (p.267). Passagem comum a todos os humanos.

A terapêutica poderia, então, ser esclarecida como uma possibilidade de oferecer a qualquer

um (inclusive ao sujeito com transtorno mental) *um lugar de enunciação no campo da palavra e da linguagem (no qual é possível se lançar às empresas impossíveis do desejo*¹⁴(p.93). Esse lugar é a contingência para se equilibrar no desfiladeiro da subjetivação.

Com isto, é possível trabalhar com outro conceito de “terapêutica”, distanciado do binômio normal/patológico e voltado à produção de vida, visto que produzir saúde, produzir vida é estabelecer novas formas de estar no mundo, novos laços, independentemente de condições patológicas ou enclausuramentos de outra ordem.

A oficina em questão é constituída de uma roda de conversa inicial, seguida de jogos que abordam a cada semana um aspecto da linguagem (oral, escrita, gestual), uma roda de conversa final e um jogo de encerramento. Note-se que são cenários cotidianos e diversos para a instauração do diálogo entre os pares sociais. Nesta medida, há sempre “conversa”, sendo que o que se denomina “roda de conversa”, trata-se de momentos dialógicos que narram a situação de convívio que se vai compor ou que acaba de ser composto. É ritual importante para a marca temporal do diálogo. Como os exemplos abaixo das falas da coordenadora:

E.: *A gente começa com a nossa entrevista inicial, que é pras pessoas irem falando o que que vieram fazer aqui.*

E.: *Então conta pra gente o que cê veio fazer aqui hoje. Por que você veio aqui?*

E.: *a atividade de hoje chama “risca trisca, rabisca” (dá uma batida na mesa a cada palavra).*

E.: *então hoje nós vamos fazê um exercício de colaboração.*

E.: *como é que vocês estão saindo daqui hoje depois de ter feito esses rabiscos, de ter criado uma história?*

E.: *E vamo fazê o Escravos de Jó pra gente terminá?*

Esta oficina foi tomada para o presente estudo, visando a conhecer os efeitos em termos de protagonismo subjetivo, enlaçamento social e circulação discursiva, aí havidos em seus participantes. Pesquisas nesta direção se justificam, sobretudo quando objetivam colocar em cena a realidade e a compreensão dos sujeitos abordados.

Material e Método

Estudo descritivo, qualitativo.

Para este estudo, optou-se por introduzir na situação da oficina de linguagem “Quem não se comunica, se ‘estrumbica””, mais uma temática na habitual *roda de conversa*, que iniciava todas as sessões, como já descrito, objetivando verificar na voz de cada participante da atividade a expressão particular da sua percepção sobre os efeitos da oficina em questão, exatamente em termos de protagonismo subjetivo, enlaçamento social e circulação discursiva.

Assim, a oficina passou a se iniciar por perguntas que colocavam a todos em movimento: *O que viemos fazer aqui hoje na oficina.* Essa foi a pergunta disparadora inicial (possibilitando a emergência de conteúdos subjetivos e, assim, imprevisíveis) que abordava o motivo pelo qual os participantes compareciam às oficinas, os efeitos no seu dia a dia e em sua comunicação.

Note-se que o funcionamento da atividade não ficou maculado de fato, pois a oficina já era cotidianamente desenvolvida por meio de uma roda de conversa inicial. A pesquisadora apenas introduziu, durante um período de doze (12) semanas aleatoriamente estabelecido, mais um elemento, a temática objetivada por meio de perguntas disparadoras exatamente abordando o sentido que a oficina tem para cada um. Exemplo: *Por que vieram a esta oficina?* Ou, depois de certo tempo de participação na oficina: *Por que continuam a vir a esta oficina?*

Portanto, tais perguntas que passaram a ter presença na roda de conversa foram incorporadas à situação durante certo tempo. Durante 12 sessões esse assunto fez parte das conversas habitualmente construídas por aqueles pares, sendo a pesquisadora uma participante da situação, como é previsível nos estudos qualitativos como este que se apresenta¹⁵. O período de 12 semanas foi determinado por ser um tempo médio em que as pesquisas de caráter mais longitudinal são realizadas, caráter necessário ao estudo, entre outras razões, pela variabilidade dos sujeitos participantes em função de ser um serviço de “portas abertas”.

Foram sujeitos deste estudo os participantes disponíveis no período de coleta, entre outubro de 2018 a fevereiro de 2019, aleatoriamente definido, e que concordaram em assinar o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Neste período houve a participação de 31 indivíduos, com frequência

muito variável, sendo 10 deles os mais assíduos e, portanto, o material coletado é, sobretudo, constituído pelo discurso destes participantes. O fato de haver citações sobretudo dos participantes mais assíduos, que acabaram fornecendo mais material para análise, talvez esclareça que a redundância das cenas interacionais ali empreendidas¹⁶, cenas de conversas sobre a vida, promove efeitos potentes nos participantes, em termos de experiências sociais e circulação discursiva. Daí o retorno das pessoas ao espaço da oficina.

Foi feita uma busca de informações socio-demográficas e história pessoal nos prontuários disponíveis e, pela sua análise, verificou-se que os participantes exibiam a heterogeneidade postulada, em termos de gênero/idade, motivação para a participação, condições de saúde, escolaridade, demandas pessoais e/ou familiares. Eram idosos, donas de casa, adultos aposentados, adultos e jovens com transtorno mental e/ou com deficiência intelectual, adultos desempregados e moradores de rua. Enfim, ali puderam estar quaisquer sujeitos, com diferentes fragilidades, distintas, vulnerabilidades, singulares demandas.

As sessões foram filmadas e as rodas de conversa, transcritas e textualizadas para a análise de conteúdo do tipo temática como proposta por Bardin¹⁷, assim elaborada: pré-análise, exploração do material e tratamento dos resultados.

A análise das falas de cada sujeito foi organizada de maneira a propiciar o levantamento dos temas

mais frequentes, formatando categorias operacionais e, após o pareamento com as falas dos demais sujeitos foram depreendidas as categorias temáticas comuns e predominantes, utilizadas como categorias de análise que serão apontadas nos resultados a seguir. Os resultados serão apresentados por meio de trechos dos discursos dos participantes exemplificando as categorias encontradas.

Os nomes dos sujeitos foram substituídos por heterônimos para preservar o sigilo das informações.

O estudo obedeceu aos critérios utilizados para pesquisa com seres humanos, foi submetido ao Comitê de Ética e Pesquisa da Universidade, acompanhado do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido assinado por todos os participantes, bem como do Documento de Permissão do local de realização do estudo - CECCO - e do Comitê de Ética em Pesquisa da Prefeitura do Município de São Paulo. A pesquisa foi registrada com o número nº 98409218.4.0000.5482.

Resultados

Após o material ser explorado e organizado, ao final do processo de análise, pela leitura flutuante, foram determinados três conjuntos de categorias operacionais que estão expostas nos quadros abaixo para melhor visualização:

Quadro 1. Efeitos discursivos da oficina da linguagem “Quem não se comunica se estrumbica”, Centro de Convivência, São Paulo, outubro de 2018 a novembro de 2019, categoria de análise Enlaçamento social

Categoria operacional: discurso sobre as experiências sociais e estados de saúde.	
Participantes	Corpus textuais
Matilde	<i>"a gente está sempre junto e isso é muito bom. Em casa eu não converso com ninguém..."</i>
Cora	<i>"tá sendo útil pra mim também, né? Porque eu moro sozinha. Eu acabo ficando mais isolada comigo lá em casa".</i>
Categoria operacional: discurso sobre isolamento e estados depressivos.	
Participantes	Corpus textuais
Cora	<i>"E hoje eu vim aqui pra buscá também uma ajuda pra mim. Porque eu ando um tanto depressiva (si) é? Eu gosto muito de conversá, sabe? Eu tava meio assim sem vontade de falá".</i>
Joyce	<i>"Antes eu chegava em casa a mil, sabe? Não tinha paciência. Agora eu sou outra pessoa. Outra pessoa, sabe? Mais comunicativa, sabe? Eu tou conseguindo me comunicar mais. Ansiedade, sabe? Maravilhoso!!"</i>
Categoria operacional: discursos sobre relações familiares	
Participantes	Corpus textuais
Joyce	<i>"Eu estava na Paulista, (começa a chorar) e há muito tempo eu não abraçava a minha filha. A gente convive junto, né? Sempre junto... aí eu abracei ela e agradeci e falei "olha, muito obrigada por esse passeio maravilhoso que você me proporcionou". Então, o que que... eu tou aprendendo a me comunicar mais, sabe?"</i>
Levi	<i>"tou tentando conversá, comunicá com a minha família, eu melhorei com o meu pai... Eu e o meu pai, a gente tá se dando cada vez mais. Com a terapia que eu fiz to conhecendo melhor o meu pai."</i>

Quadro 2. Efeitos discursivos da oficina da linguagem “Quem não se comunica se estrumbica”, Centro de Convivência, São Paulo, outubro de 2018 a novembro de 2019, categoria de análise Enlaçamento social

Categoria operacional inoperância no cotidiano, desvalorização pessoal e desânimo	
Participantes	Corpus textuais
Agar	<i>Que eu fui lá pra estação do metrô em vez de eu descer as escadas, né? Eu tive que perguntá. Eu num sei o que anda acontecendo comigo. Mas eu não posso ser assim, Elaine.</i>
Moema	<i>Eu tou melhorando. E.: O que que tá melhorando? Moema: Ah, sei lá, né? A minha coragem, que eu antes eu....</i>
Esposo de Moema	<i>(interrompendo): Voltou a vontade de viver que ela tava perdendo, perdendo a graça pela pela vida. Agora voltou aa...</i>
Corá	<i>E a gente aqui se sente mais importante. Mais valorizada. Que a gente aqui num tá sozinho, né? Cada aula que você vai você sente o carinho que a gente recebe aqui. E aí, acabei aproveitando mais ainda do que ela, eu acho. A... to aprendendo bastante coisa também. Eu sinto muito acolhimento aqui das professoras, os psicólogos né? Quando eu quero falá alguma coisa, sempre me escutam.</i>
Matilde	<i>Corá: E a gente aqui se sente mais importante. Matilde: Mais valorizada</i>
Agar	<i>É. É. É. Faz como a dona Milena falou, eu sou uma criança, e coisa.</i>
E	<i>A sua palavra não vale, Agar?</i>
Agar	<i>Não, não vale. Prefiro a dela (Milena)</i>
Alípio:	<i>(dirigindo-se a Agar) Então você tá se desfigurando.... (olhando para nós) Ela tá se desfigurando ela mesma... Tá rebaixando ela mesma.</i>
E	<i>(para Agar) Você tá se rebaixando?</i>
Agar	<i>Tou. Tou.</i>
Categoria operacional: empoderamento (atitudes) e reconhecimento da posição no grupo familiar	
Participantes	Corpus textuais
Joyce	<i>A gente toma mais atitude, né? Eu Posso contar uma? Só uma. Eu fui na noite do Rock sexta feira. Minha filha convidava, convidava... e eu nunca ia. Eu fui. Adorei!</i>
Nadi	<i>Essa semana eu falei pra minha filha "você, aí eu falei pra ela: você fica me cortando... eu tou conversando tou falando uma coisa... aí você falou pra mim, num falou?" (usa gestos para acompanhar sua fala). Aí chegou a minha hora eu falei, né? Aí tem hora que eles ficam meio assim, né? Mas eu falei. Eu falei: "a gente tá conversando, você tá me cortando, você acha que você tá certa?" Num é assim, né? Aí já deu uma...né? Aí ela falou: Ah, mãe, agora tá indo, tá aprendendo, né?</i>
Joyce	<i>O professor B., ele falava assim: "Vocês têm atitude? Tem ousadia?" Eu não tinha. Agora eu tou tendo. É verdade, viu? Olha, agora eu tô tendo mais atitude, Graças a Deus!</i>
Alípio	<i>(dirigindo-se a Agar): Você tem que se valorizar pra todo mundo te valorizá também</i>
E	<i>A palavra tem que valer.</i>
Categoria operacional: mudança de atitude	
Participantes	Corpus textuais
Milena	<i>Eu toda vida fui tímida. Aí, quando eu casei acabou. Não podia nem olhá assim do lado nem conversá. Aí piorô o negócio. Agora comecei se soltá.</i>
Levi	<i>mas tá me ajudando na paciência. É porque precisa de ter paciência pra cozinhá, né? E também tá ajudando a caprichar, a fazer trabalho, porque eu era meio marreteiro, num fazia direito, mas, fazia direito, mas num era (si). Parava na metade...</i>
Joyce	<i>Olha, acho que desde quando eu comecei nessa atividade, como que chama.... quem não se comunica se estrumbica, as coisas estão melhorando demais pra mim. (...) Eu vou viajar pra Cajuru pra conhecê, sabê a minha origem, né? Que eu já falei pra vocês... Tou marcando viagem.</i>
Categoria operacional: prazer e relações de afeto	
Participantes	Corpus textuais
Milena:	<i>Eu estou aqui... Eu gosto da aula... gosto das brincadeira, gosto muito da historinha, lembra muito o tempo antigo, né?</i>
Corá:	<i>É. Porque aí se você fala alguma coisa errada você logo (SI), peraí, isso aí não é isso, é isso. Então, tudo muda, né? Comunicação...Cê fica mais alegre, todo mundo dá risada de todo mundo, né das coisas que a gente apronta...</i>
Levi	<i>a gente ri. E a gente precisa rir um pouco pra num ficá assim muito fechado, certo? Também não. Rir faz bem. Faz ri mais, se abri mais tem que sorrir um pouquinho.</i>
Moema	<i>Tou melhorando. E também porque a gente vem aqui, encontra as pessoas, se diverte um pouco, e dá risada também, né? Das coisas que acontecem aqui.</i>
Moacir	<i>Você falou em amigo, né? (...). E eu estou aqui porque eu quero ter um milhão...</i>
Milena	<i>(ao mesmo tempo) de amigos</i>
Moacir	<i>de amigos e bem mais forte poder falar. (todos riem)</i>
Milena	<i>Ói o Roberto Carlos.</i>

Categoria operacional: melhoria na atenção e memória	
Participantes	Corpus textuais
Nadi	<i>E mexe com tudo, né? Com a cabeça da gente também. Ter mais atenção nas coisa, prestá mais atenção. Ter memória mais forte...</i>
Levi	<i>(SI) eu mais atenção quando se conversa. Espero primeiro falá, eu avançava. Tô desenvolvendo. Lendu us livro.</i>
Levi	<i>.... melhorei a associação de ideia, melhorô, minhas ideia, minha criatividade melhorô... e tá melhorando, é só pensar mais positivo, ser mais otimista, a pessoa ser mais otimista, e... tudo bem. Melhorei a dicção...</i>
Agar	<i>Ajuda, né? um pouco na falta de atenção que eu ainda tenho ainda, né? Que eu tenho que hoje eu quase me perdi, eu hoje quase fui parar na Praça da Sé.</i>
Levi	<i>Tá (SI) ajudou mais as ideias. Tem mais associação de ideia.</i>
Milena	<i>Aah, só de estar aqui junto com todo mundo, com as pessoa aqui faz bem pa memória, né? É bom, né? Eu acho.</i>
Levi	<i>O mais importante é que eu tou me comunicando melhor, que eu tou estudando as matérias, e também desenvolvendo um pouco a mais....</i>

Quadro 3. Efeitos discursivos da oficina da linguagem “Quem não se comunica se estrumbica”, Centro de Convivência, São Paulo, outubro de 2018 a novembro de 2019, categoria de análise Enlaçamento social

Categoria operacional: possibilidade de assumir o lugar de falante	
Participantes	Corpus textuais
Moacir	<i>Aqui é o lugar aonde ele pode falar.... discutir, pode participar das atividades que são feitas.... sossegado, porque aqui só tem gente boa. Não tem como você deixar de falar aqui. (...)é um lugar aonde a nossa língua num para.</i>
Categoria operacional: .discurso sobre questões subjetivas – relações de intimidade	
Participantes	Corpus textuais
Alípio	<i>O que me trouxe aqui na oficina, é...Alegria, é, desabafar com todos vocês, sorrir bastante...é.. levar coisas boas pra minha casa.... e aprender também.</i>
Joyce	<i>Mas é uma coisa é diferente. Eu aceito mais as coisa, sabe? Num fico lamentando, no quarto, chorando. Eu venho desabafá aqui (ri).</i>
Categoria operacional: comunicação e emoções	
Participantes	Corpus textuais
Joyce	<i>tou com mais atenção nas histórias, as brincadeira. Porque eu sempre fui uma pessoa muito ansiosa, mas agora estou... eu tou trabalhando mais com isso, sabe?</i>
Levi	<i>"tu tentando conversá, comunicá com a minha família, eu melhorei com o meu pai.... Eu e o meu pai, a gente tá se dando cada vez mais. Com a terapia que eu fiz tô conhecendo melhor o meu pai."</i>
Cora	<i>Aí eu comecei a perceber que a minha ansiedade diminuiu</i>
Nadi	<i>Então... sabe? Eu era muito... toou melhorando agora. Ansiosa. É... sabe? fico...sabe?</i>
Moacir	<i>Depois que você começa a frequentá aqui... os efeito dos tratamento...começa... a dar mais equilíbrio, né? na mente da pessoa...</i>
Levi	<i>É mais equilíbrio, é... paz de espírito. (...) Equilíbrio, quando a gente conversa a gente tem que esperar o próximo, por educação, né? Na... Então... ajudou no equilíbrio, que eu preciso...</i>
Categoria operacional: o desempenho comunicativo	
Participantes	Corpus textuais
Alípio	<i>Então, isso aí... A gente se...se...se diverte, se expressa também, se expressa melhor</i>
Cora	<i>Eu também percebi que muda bastante coisa. Até a dicção no Português</i>
Nadi	<i>E o meu nome é Nadii. E eu estou aqui já a um tempo, já, estou fazendo, já, né? É maravilhoso. Principalmente a comunicação entre as pessoas, né? Eee eu atravessava muito na conveeersa, no falaaar atravessando, falando demais, ansiedade demais... Então agora eu tou controlando mais, né? Saber esperá pra chegar o momento certo pra falá, né?</i>
Matilde	<i>Eu tou aprendendo a ficar quieta enquanto o outro fala. Isso já é bom. Principalmente no telefone. (...) Porque um tá falando e eu "pepepepepepe". Então atrapalhava, agora não. Agora eu escuto, depois eu respondo. Tá bom assim. Aprendendo a ouvir. (...)Aprendendo a ouvir. Justamente.</i>
Joyce	<i>Que a palavra sai da nossa boca ela não volta mais. Então se a gente puder, né? Pensar bem antes pra depois a gente, nós mesmos não machucar, né? Porque vai doer pra nós, né que eu errei na palavra... ofendi alguém, né? Então a palavra é muito forte. É muito importante.</i>
Categoria operacional: possibilidade de estabelecer relações dialógicas	
Participantes	Corpus textuais
Alípio	<i>o que faz continuar aqui é o diálogo com todo mundo aqui.</i>
Moema	<i>é bom porque a gente aprende a se comunicar com as pessoas, né? Que a gente vai... se isolando dentro de casa e acaba não saindo. É aqui não. Aqui a gente acaba achando sempre alguém pra gente tá conversando, trocando ideia e aprendendo também.</i>

Discussão

A análise dos resultados encaminhou a reflexão a ser feita a partir de três categorias temáticas que revelam exatamente a questão da comunicação enquanto enlaçamento social, protagonismo subjetivo e circulação discursiva, depreendidas dos conjuntos de categorias operativas identificadas. As categorias se entrelaçam porque representam temáticas humanas, da vida comum e seus conflitos e, assim, os exemplos são moventes, no sentido de que poderiam ilustrar mais que uma categoria. São elas:

I - Enlaçamento social

Estudos revelam a implicação entre experiências sociais e estado de saúde, apontando que “há uma relação direta entre relações sociais, qualidade de vida e capacidade funcional, havendo uma relação inversa destes fatores com a depressão”¹⁸ (p.230), sendo as sucessivas experiências de isolamento a origem desse ciclo de difícil ruptura.

O isolamento é narrado pelos participantes da roda de conversa, apesar das diferentes contingências de vida. Suas falas denunciam o “estar só” porque moram sozinhos ou até mesmo com familiares, porém sem qualquer protagonismo neste nicho, ou, ainda, por estarem deslocados ou serem discriminados socialmente, o que resulta num sentimento de solidão. Esse sentimento faz marcas em suas subjetividades e gera demandas que, segundo eles, são atendidas naquela grupalidade: é a pessoa que se sente discriminada na família, mas na oficina ganha um lugar; é o imigrante que veio morar na cidade com a família, mas não dispõe de qualquer laço social e ali é uma oportunidade de inserção; é a idosa que mora sozinha e ali encontra companhia:

Matilde: *a gente está sempre junto e isso é muito bom. Em casa eu não converso com ninguém...*

Cora: *tá sendo útil pra mim também, né? Porque eu moro sozinha. Eu acabo ficando mais isolada comigo lá em casa.*

A experiência de isolamento, independentemente de seu determinante, é porta aberta para a depressão que, muitas vezes, não é nem identificada nem tratada como tal, ou mesmo subdiagnosticada ou tratada de modo inadequado¹⁹. Pode, inclusive, ser confundida com uma conduta passiva e inoperante diante da vida²⁰, quando resulta de uma difi-

culdade em lidar com o estresse que esta condição impõe à pessoa.

Na fala dos participantes há referência a estados depressivos, um dado que se perfilado às falas sobre solidão representam bem uma vida de pouca qualidade:

Cora: *E hoje eu vim aqui pra buscá também uma ajuda pra mim. Porque eu ando um tanto depressiva (si) é? Eu gosto muito de conversá, sabe? Eu tava meio assim sem vontade de falá.*

A fala dos participantes indicia mudanças importantes em seu sentimento de solidão, expondo a repercussão das experiências sociais que a oficina proporciona, gerando uma experiência de protagonismo, objetivos e expectativas futuras:

Joyce: *Antes eu chegava em casa a mil, sabe? Não tinha paciência. Agora eu sou outra pessoa. Outra pessoa, sabe? Mais comunicativa, sabe? Eu tou conseguindo me comunicar mais. Ansiedade, sabe? Maravilhoso!!!*

As relações familiares são um tema importante que também comparece na fala de todos e pode ser perfilado ao das relações sociais.

Poder falar com o outro, tomar o outro sob uma perspectiva diferente, poder queixar-se do familiar, comentar sobre suas atitudes que podem não ser amigáveis, ou mesmo de novas relações familiares, mais delicadas e amorosas, são manifestações particulares da fragilidade destas relações.

Joyce: *Eu estava na Paulista, (começa a chorar) e há muito tempo eu não abraçava a minha filha. A gente convive junto, né? Sempre junto... aí eu abracei ela e agradei e falei “olha, muito obrigada por esse passeio maravilhoso que você me proporcionou”. Então, o que que... eu tou aprendendo a me comunicar mais, sabe?*

A literatura colabora com esta discussão por meio de estudos sobre o deslocamento das pessoas carregando a evolução de tratamentos especializados para o interstício das dinâmicas familiares²¹, onde conflitos podem surgir, dada a novidade da situação. Isso faz marcas na subjetividade, pois as relações familiares são a base de construção e/ou sustentação de todas as outras experiências relacionais²². A oficina pode distender os laços, na medida em que contribui para que as pessoas alcancem

autonomia e melhor autoimagem, levando-as a se reposicionarem em suas relações familiares.

Levi: *tou tentando conversá, comunicá com a minha família, eu melhorei com o meu pai.... Eu e o meu pai, a gente tá se dando cada vez mais. Com a terapia que eu fiz tô conhecendo melhor o meu pai.*

A família, enfim, pode funcionar como “fonte de capitalização de forças que gera conforto, sensação de amparo e estabilidade”²³ (p.107). Relações familiares mais tranquilas e reforçadoras aliadas a maiores oportunidades de relações sociais diversificadas e constantes criam uma condição de vida de maior qualidade.

II - Protagonismo subjetivo

Os participantes da roda de conversa revelam a sua inoperância em seu cotidiano, resultando em má qualidade de vida, além do sentimento de desvalorização pessoal e desânimo:

Agar: *Que eu fui lá pra estação do metrô em vez de eu descer as escadas, né? Eu tive que perguntá. Eu num sei o que anda acontecendo comigo. Mas eu não posso ser assim, Elaine.*

Moema: *Eu tou melhorando. E.: O que que tá melhorando? Moema: Ah, sei lá, né? A minha coragem, que eu antes eu.... E.: (interrompendo) A coragem?! Moema: (segmento ininteligível-si)*

Esposo de Moema: (interrompendo): *Voltou a vontade de viver que ela tava perdendo, perdendo a graça pela vida. Agora voltou aa...*

Cora: *E a gente aqui se sente mais importante. Mais valorizada. Que a gente aqui num tá sozinho, né? Cada aula que cê vai cê sente o carinho que a gente recebe aqui. E aí, acabei aproveitando mais ainda do que ela, eu acho. A... tô aprendendo bastante coisa também. Eu sinto muito acolhimento aqui das professoras, os psicólogos né? Quando eu quero falá alguma coisa, sempre me escutam.*

Cora: *E a gente aqui se sente mais importante.*

Matilde: *Mais valorizada*

Narram as experiências de empoderamento que as vivências da oficina lhes proporcionam, passando a se sentir aptos, corajosos em tomar decisões, fazer escolhas, em falar, em comentar sobre acontecimentos, expressando com clareza um sentimento de reconhecimento de sua posição, sobretudo em seu grupo familiar:

Joyce: *A gente toma mais atitude, né? Eu Posso contar uma? Só uma. Eu fui na noite do Rock sexta*

feira. Minha filha convidava, convidava... e eu nunca ia. Eu fui. Adorei!

Nadi: *Essa semana eu falei pra minha filha “você, aí eu falei pra ela: você fica me cortando... eu tou conversando tou falando uma coisa... aí cê falou pra mim, num falou?” (usa gestos para acompanhar sua fala). Aí chegou a minha hora eu falei, né? Aí tem hora que eles ficam meio assim, né? Mas eu falei. Eu falei: “a gente tá conversando, você tá me cortando, você acha que você tá certa?” Num é assim, né? Aí já deu uma...né? Aí ela falou: Ah, mãe, agora tá indo, tá aprendendo, né?*

Joyce: *O professor B., ele falava assim: “Vocês têm atitude? Tem ousadia?” Eu não tinha. Agora eu tou tendo. É verdade, viu? Olha, agora eu tô tendo mais atitude, Graças a Deus!*

O empoderamento “diz respeito ao aumento da capacidade dos indivíduos se sentirem influentes nos processos que determinam suas vidas”²⁴ (p.176). Portanto, para além de poder *fazer* coisas, o importante é se *sentir* potente para fazê-las, e, nesse sentido, o que marca o poder alcançado é torná-lo público. Isso se expressa quando fazem questão de compartilhar esta mudança de atitude, de posição subjetiva, indicando a importância das trocas ali ocorridas:

Milena: *Eu toda vida fui tímida. Aí, quando eu casei acabou. Não podia nem olhá assim do lado nem conversá. Aí piorô o negócio. Agora comecei se soltá.*

Levi: *mas tá me ajudando na paciência. É porque precisa de ter paciência pra cozinhá, né? E também tá ajudando a caprichar, a fazer trabalho, porque eu era meio marreteiro, num fazia direito, mas, fazia direito, mas num era (si). Parava na metade...*

Joyce: *Olha, acho que desde quando eu comecei nessa atividade, como que chama.... quem não se comunica se estrumbica, as coisas estão melhorando demais pra mim. (...) Eu vou viajá pra Cajuru pra conhecê, sabê a minha origem, né? Que eu já falei pra vocês... Tou marcando viagem.*

O empoderamento é uma condição subjetiva que depende de investimento pessoal, mas também da ação de um outro, isto é, construção operada no interior de uma situação relacional²⁴. *Sentir-se potente* é, sobretudo, efeito do olhar do outro sobre a pessoa, ou, como apontam alguns estudiosos quando comentam sobre a questão da humanização nas relações nos ambientes de saúde, “o humano é o que há por detrás do papel social que o outro, num dado momento, interpreta”²⁵ como sendo o nosso (p. 676). Em outras palavras, a humanização,

ápice do empoderamento, é feito, principalmente, da palavra do outro, e nesse sentido, fica revelada a importância das relações sociais e discursivas operadas na oficina, criando um projeto do tipo emancipatório para eles, ou seja, a assunção de um protagonismo social e a conversa abaixo representa bem isto:

Milena: (referindo-se a Agar) *Mas ela é uma criança, ela não sabe o que fala.* **E.:** *Ihhh!* **Agar:** *Isso. Sou uma criança, ainda bem.* **E.:** *Como é isso, uma criança que não sabe o que fala?* **Agar:** *É. É. É. Faz como a dona Milena falou, eu sou uma criança, e coisa.* **E.:** *A sua palavra não vale, Agar?* **Agar:** *Não, não vale. Prefiro a dela (Milena).* **Alípio:** (dirigindo-se a Agar) *Então você tá se desfigurando.... (olhando para nós) Ela tá se desfigurando ela mesma... Tá rebaixando ela mesma.* **E.:** (para Agar) *Cê tá se rebaixando?* **Agar:** *Tou. Tou.* **Alípio** (dirigindo-se a Agar): *Cê tem que se valorizar pra todo mundo te valorizá também.* **E.:** *Num pooode!! A palavra tem que valer.*

Todos falam sobre a alegria que permeia os encontros, infiltrada nas brincadeiras, nas estórias divertidas que são contadas, nas risadas compartilhadas:

Milena: *Eu estou aqui... Eu gosto da aula... gosto das brincadeira, gosto muito da historinha, lembra muito o tempo antigo, né?*
Cora: *É. Porque aí se você fala alguma coisa errada você logo (SI), perai, isso aí não é isso, é isso. Então, tudo muda, né? Comunicação... Cê fica mais alegre, todo mundo dá risada de todo mundo, né das coisas que a gente apronta....*
Levi: *a gente ri. E a gente precisa rir um pouco pra num ficá assim muito fechado, certo? Também não. Rir faz bem. Faz ri mais, se abri mais tem que sorrir um pouquinho.*

Mais do que isto, pela possibilidade de afetar o outro e ser afetado pelo prazer, algo que faz laço entre os participantes e com a própria oficina:

Moema: *Tou melhorando. E também porque a gente vem aqui, encontra as pessoas, se diverte um pouco, e dá risada também, né? Das coisas que acontecem aqui.*

O prazer em participar da oficina parece derivar do fato de que cada um ali está “experimentando algo singular”²⁶ (p.34), alcançando protagonismo nas situações, o que, sobretudo, afeta o outro, já que

sua alegria se torna alegria para o outro, como quando alguém fala uma piada ou faz uma brincadeira:

Moacir: *Você falou em amigo, né?* **Alípio:** *hum hum.* **Moacir:** *E eu estou aqui porque eu quero ter um milhão...Milena (ao mesmo tempo): de amigos.*
Moacir: *de amigos e bem mais forte poder falar.* (todos riem) **Milena:** *Ói o Roberto Carlos.*

As relações sociais instauradas na oficina, relações que são dialógicas, promovem o encontro de cada um com o outro e este encontro é produtor de “novos universos existenciais”²⁷ (p. 631), estados de prazer e bem-estar. É esse encontro com o outro que resulta na devida identificação social de cada um, encontro que é, em última instância, um processo de construção subjetiva. A oficina é um espaço de criação e reinvenção do cotidiano, um cotidiano que advém mais leve, prazeroso, pois permite a participação de cada um enquanto sujeitos sociais e com qualidade de vida.

Além do prazer alcançado, expressam também o desenvolvimento de habilidades cognitivas, ligadas à atenção e memória, importantes na lida com fatos, problemas, com a própria aprendizagem, enfim, no desempenho geral, favorecendo, sobretudo, mais autonomia, funcionando como outro protetor para a qualidade de vida²⁸:

Nadi: *E mexe com tudo, né? Com a cabeça da gente também. Ter mais atenção nas coisa, prestá mais atenção. Ter memória mais forte...*
Levi: *(SI) eu mais atenção quando se conversa. Espero primeiro falá, eu avançava. Tô desenvolvendo. Lendu us livro.*
.... melhorei a associação de ideia, melhorô, minhas ideia, minha criatividade melhorô... e tá melhorando, é só pensar mais positivo, ser mais otimista, a pessoa ser mais otimista, e... tudo bem. Melhorei a dicção...
Agar: *Ajuda, né? um pouco na falta de atenção que eu ainda tenho ainda, né? Que eu tenho que hoje eu quase me perdi, eu hoje quase fui parar na Praça da Sé.*

A percepção dos participantes da oficina com relação à melhoria nas suas condutas cognitivas é expressa claramente quando dizem que:

Levi: *Tá (SI) ajudou mais as ideias. Tem mais associação de ideia.*
Milena: *Aah, só de estar aqui junto com todo mundo, com as pessoa aqui faz bem pa memória, né? É bom, né? Eu acho.*

Levi: *O mais importante é que eu tou me comunicando melhor, que eu tou estudando as matérias, e também desenvolvendo um pouco a mais...*

III - Circulação discursiva

Na fala de todos, de diferentes maneiras, a questão da fala e da escuta surge enfaticamente.

É interessante que todos narram um mesmo efeito: a possibilidade de assumir o lugar de falante, o que permite a interação entre todos, a aprendizagem, o bem-estar, a desenvoltura no relacionamento, o que traz alegria e equilíbrio. A melhor fala para esse aspecto é a de Moacir: “*aqui nossa língua não para*”.

Moacir: *Aqui é o lugar aonde ele pode falar... discutir, pode participar das atividades que são feitas... sossegado, porque aqui só tem gente boa. Não tem como você deixar de falar aqui. (...)é um lugar aonde a nossa língua num para.*

Comentam que uma boa comunicação permite também empoderar a cada um deles inclusive trazendo questões subjetivas da intimidade, o que é dito “desabafo”, a circulação discursiva compoando relações de intimidade:

Alípio: *O que me trouxe aqui na oficina, é...Alegria, é, desabafar com todos vocês, sorrir bastante...é... levar coisas boas pra minha casa... e aprender também.*

Joyce: *Mas é uma coisa é diferente. Eu aceito mais as coisa, sabe? Num fico lamentando, no quarto, chorando. Eu venho desabafá aqui (ri).*

Narram, igualmente, o efeito que a comunicação repercute em suas emoções: o controle da agitação, da ansiedade, o alcance da tranquilidade, ser escutado.

Joyce: *tou com mais atenção nas histórias, as brincadeira. Porque eu sempre fui uma pessoa muito ansiosa, mas agora estou... eu tou trabalhando mais com isso, sabe?*

Cora: *Aí eu comecei a perceber que a minha ansiedade diminuiu.*

Nadi: *Então... sabe? Eu era muito... toou melhorando agora. Ansiosa. É... sabe? fico...sabe?*

Moacir: *Depois que você começa a frequentá aqui... os efeito dos tratamento...começa... a dar mais equilíbrio, né? na mente da pessoa...*

Levi: *É mais equilíbrio, é... paz de espírito. (...) Equilíbrio, quando a gente conversa a gente tem que esperar o próximo, por educação, né? Na... Então... ajudou no equilíbrio, que eu preciso...*

Um aspecto presente na fala de todos os participantes se refere à possibilidade em adequar seu desempenho comunicativo, condição para ser um falante efetivo: eles comentam sobre o desejo de obter uma melhor expressão de seus sentimentos com relação à escolha dos termos; a necessidade de alternar os turnos no diálogo, de prestar atenção no significado da fala do outro, da possibilidade de melhorar a dicção, de corrigir erros, etc. É interessante poder observar a relação que cada um passa a estabelecer com a língua, num processo de ressignificação constante²⁹:

Alípio: *Então, isso aí... A gente se...se...se se diverte, se expressa também, se expressa melhor.*

Cora: *Eu também percebi que muda bastante coisa. Até a dicção no Português*

Nadi: *E o meu nome é Nadii. E eu estou aqui já a um tempo, já, estou fazendo, já, né? E é maravilhoso. Principalmente a comunicação entre as pessoas, né? Eee eu atravessava muito na conveersa, no falaaar atravessando, falando demais, ansiedade demais... Então agora eu tou controlando mais, né? Saber esperá pra chegar o momento certo pra falá, né?*

Matilde: *Eu tou aprendendo a ficar quieta enquanto o outro fala. Isso já é bom. Principalmente no telefone. (...) Porque um tá falando e eu “pepepepepepe”. Então atrapalhava, agora não. Agora eu escuto, depois eu respondo. Tá bom assim. Aprendendo a ouvir. (...)Aprendendo a ouvir. Justamente.*

Joyce: *Que a palavra sai da nossa boca ela não volta mais. Então se a gente puder, né? Pensar bem antes pra depois a gente, nós mesmos não machucar, né? Porque vai doer pra nós, né que eu errei na palavra... ofendi alguém, né? Então a palavra é muito forte. É muito importante.*

Os participantes da oficina narram, o tempo todo, suas novas experiências, ali ocorridas, e como elas passam a repercutir em suas experiências, sociais e familiares. As narrativas são atividades discursivas importantes na consolidação subjetiva. Narrar é uma operação mediadora entre a experiência e o discurso, entre indivíduo e sociedade, um dispositivo poroso de interlocução³⁰ é, enfim, a transformação da ação em diálogo e este em ação: a experiência narrada, que supõe um outro, advém um traço da subjetividade que, em sua vez, vai definir, em parte, outras experiências:

Alípio: *o que faz continuar aqui é o diálogo com todo mundo aqui.*

Moema: *é bom porque a gente aprende a se co-*

municar com as pessoas, né? Que a gente vai... se isolando dentro de casa e acaba não saindo. E aqui não. Aqui a gente acaba achando sempre alguém pra gente tá conversando, trocando ideia e aprendendo também.

Conclusões

Uma mudança na lógica de cuidados das pessoas, apostando na heterogeneidade e nas instituições abertas como lugares de inscrição dos laços sociais, propiciou a constituição de potentes espaços de constituição subjetiva. São espaços de circulação social e, portanto, discursiva, em que o sujeito recupera seu protagonismo e cidadania, apresentando-se à cena, retirando-se da exclusão que amortece.

Uma estratégia interessante, utilizada para o trabalho com o protagonismo, a autoria e a cidadania são as oficinas. As oficinas se desenvolvem sob diferentes estruturas e natureza, sendo as “oficinas de linguagem” privilegiadas para o alcance destes projetos, já que berço de constituição subjetiva.

O estudo de uma oficina permitiu identificar e exibir pela fala de seus participantes, movimentos de circulação na estrutura discursiva, com efeitos nos processos de subjetivação e nas experiências sociais.

A oficina se constituiu espaço determinante da construção de relações sociais, um dos focos principais das considerações dos sujeitos. O sentimento de solidão e exclusão vem à tona por diversas ocasiões, mas quase sempre expresso em oposição ao vigor que as novas relações sociais imprimem em cada um. Essas relações colaboram no empoderamento de todos, independentemente de apresentarem ou não patologias, o que repercute em suas relações familiares e sociais, já que ganham autonomia, autoria e podem, assim, tomar decisões, fazer comentários, apresentar queixas, expressar sentimentos etc. A comunicação surge como o ganho maior. Ascender à posição de sujeito falante, sob todas suas leis e direitos, é a condição mais importante, obtida exatamente no decorrer das sessões da oficina. Enfim, os resultados apontam para a contribuição que essa oficina pode dar ao campo da saúde mental demonstrando ser um dispositivo potente para dar vez e voz ao sujeito.

Vale ressaltar que pela natureza deste estudo, seus objetivos e consequências são inerentes às pesquisas qualitativas, e seus resultados, portanto,

apontam para contribuições na construção do conhecimento¹⁵, e não generalizações ou mesmo recurso de evidência em pesquisa. É mais uma narrativa de um caso da experiência humana.

Seus resultados, por outro lado, indicam a importância de novos estudos que aprofundem a temática do cuidado em saúde mental, sobretudo em oficinas, discutindo os papéis dos profissionais, familiares, usuários, mormente em dispositivos como as oficinas de linguagem e os serviços como os Centros de Convivência que dão um tom particular ao sentido do terapêutico⁹.

Referências bibliográficas

1. Foucault M. História da loucura: na idade clássica. 2ªed. São Paulo: Ed. Perspectiva; 1987.
2. Amarante P. A (clínica) e a Reforma Psiquiátrica. In: Amarante P (coord.) Archivos de Saúde Mental e Atenção Psicossocial. Rio de Janeiro: Nau Editora, 2003. p. 45-65.
3. Yasui S, Luzio CA, Amarante P. Atenção Psicossocial e Atenção Básica: a vida como ela é no território. Rev. polis psique. [periódico na Internet] 2018 [acesso em: 07 de maio 2020]; 8 (1): 173-90. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.22456/2238-152X.80426>.
4. Tenório F. A reforma psiquiátrica brasileira da década de 1980 aos dias atuais: história e conceitos. Hist. ciênc. saúde-Manguinhos. [periódico na Internet] 2002 [acesso em 21 de abril 2020]; Jan-Abr; 9 (1):25-59. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-59702002000100003&lng=pt&nrm=iso.
5. Ferigato SH; Carvalho SR; Teixeira RR. Os Centros de Convivência: Dispositivos híbridos para a produção de redes que extrapolam as fronteiras sanitárias. Cadernos Brasileiros de Saúde Mental [periódico na Internet] 2016 [acesso em 14 de abril 2020]; 8 (20):79-100. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1984-21472016000300006&lng=pt&nrm=iso
6. Grupo de Trabalho Intersetorial Cultura, Cidadania e Saúde Mental, Prefeitura do Município de São Paulo. Normatização das Ações nos Centros de Convivência e Cooperativas Municipais. In: Conselho Regional de Psicologia de São Paulo. Centros de Convivência e Cooperativa. Conselho Regional de Psicologia de São Paulo. Série - Cadernos Temáticos CRP SP, vol.15. São Paulo: CRP – SP; 2015. p. 37-88.
7. Galletti MC. Qual o lugar dos Centros de Convivência na Rede Substitutiva. In: Conselho Regional de Psicologia de São Paulo. Centros de Convivência e Cooperativa. Conselho Regional de Psicologia de São Paulo. Série - Cadernos Temáticos CRP SP, vol.15. São Paulo: CRP – SP; 2015. p. 19-22.
8. César JM. Processos Grupais e o Plano Impessoal: A Grupalidade Fora/No Grupo [dissertação]. Niterói: Universidade Federal Fluminense; 2008
9. Galletti MC. Oficina em saúde mental: Instrumento terapêutico ou intercessor clínico? [dissertação]. São Paulo: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo; 2001.

10. Botti NCL. Oficinas em Saúde Mental: história e função. [Tese]. Ribeirão Preto: Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto, USP; 2004.
11. Spink MJ, Menegon VM, Medrado B. Oficinas como estratégias de pesquisa: articulações teórico-metodológicas e aplicações ético-políticas. *Psicologia & Sociedade* (Online). [periódico na Internet] 2014 [acesso em 19 de set 2019]; 26(1):32-43. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-71822014000100005&lng=pt&nrm=iso.
12. Amarante P. Novos sujeitos, novos direitos: o debate em torno da reforma psiquiátrica. *Cad. Saúde Pública*. [periódico na Internet] 1995 [acesso em 27 de jan 2020]; Jul-Set; 11 (3) [aproximadamente 4 p.]. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-311X1995000300024&lng=pt&nrm=iso>.
13. Kupfer MCM. O Sujeito na Psicanálise e na Educação: bases para a educação terapêutica. *Educação e Realidade*. 2010; 35(1): 265-81 Jan-Abr.
14. Lajonquière, L. A Psicanálise e o debate sobre o desaparecimento da Infância. *Educação e Realidade*. 2006; 31: 89-106,
15. Minayo MCS. Pesquisa social: teoria, método e criatividade. Petrópolis: Vozes, 2016.
16. Groisman ML, Jerusalinsky A., Terapêutica da linguagem: entre a voz e o significante. In: Jerusalinsky, A. *Psicanálise e desenvolvimento infantil: um enfoque transdisciplinar*. Porto alegre: Artes Médicas, 1989. p.136-49.
17. Bardin L. Análise de conteúdo. São Paulo: Edições 70, 2011
18. Carneiro SR, Falcone E, Clark C, Del Prette Z, Del Prette A. Qualidade de vida, apoio social e depressão em idosos: relação com habilidades sociais. *Psicol. Reflex Crit.* [periódico na Internet] 2007 [acesso em 30 de abril 2020]; 20(2): 229-37. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-79722007000200008&lng=pt&nrm=iso
19. Teng CT, Humes EC, Demétrio FN. Depressão e comorbidades clínicas. *Rev Psiquiatr Clin* [periódico na Internet] 2005 [acesso em 30 de abril 2020]; 32(3): 149-59. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-60832005000300007&lng=en&nrm=iso
20. Oliveira DAAP, Gomes L, Oliveira FR. Prevalência da depressão em idosos que frequentam centros de convivência. *Rev. Saude Publica* [periódico na Internet] 2006 [acesso em 04 de dez 2018]; 40(4): 734-6. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-89102006000500026&lng=pt&nrm=iso.
21. Colvero LA, Ide CAC, Rolim MA. Família e doença mental: a difícil convivência com a diferença. *Rev Esc Enferm USP* [periódico na Internet] 2004 [acesso em 30 de abril 2020]; 38(2): 197-205. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0080-62342004000200011&lng=pt&nrm=iso
22. Silva de Souza M, Nunes Baptista M, Silva Alves GA. Suporte familiar e saúde mental: evidência de validade baseada na relação entre variáveis. *Aletheia*. [periódico na Internet] 2008 Dez [acesso em 07 de maio 2020]; (28): 32-44. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-03942008000200005&lng=pt.
23. Pinho LB, Hernández AMB, Kantorski LP. Reforma psiquiátrica: trabalhadores de saúde mental e “parceria” da família: o discurso do distanciamento. *Interface* (Botucatu, Online) [periódico na Internet] 2010 [acesso em 30 de abril 2020]; 14: 103-13. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-32832010000100009&lng=pt.
24. Banquero RV. Empoderamento: instrumento de emancipação social? Uma discussão conceitual. *Revista Debates* (Porto Alegre, Online) [periódico na Internet] 2012 [acesso em 30 de abril 2020]; 6(1): 173-81. Disponível em: <https://doi.org/10.22456/1982-5269.26722>
25. Filippou J, Kantorski LP. Humanização de loucura, em busca do humano que dialoga com a saúde. *Physis* (Rio J.). [periódico na Internet] 2012 [acesso em 02 de maio 2020]; 22(2): 569-680. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-73312012000200014&lng=pt&nrm=iso
26. Corcione D. Fazendo oficina. In: BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Gestão do Trabalho e da Educação na Saúde. Departamento de Gestão da Educação na Saúde. Ver – SUS Brasil: cadernos de textos / Ministério da Saúde, Secretaria de Gestão do Trabalho e da Educação na Saúde, Departamento de Gestão da Educação na Saúde. – Brasília: Ministério da Saúde, 2004. p. 32-5.
27. Mendonça TCP. As oficinas na saúde mental: relato de uma experiência na internação. *Psicologia - Ciencia e Profissao* [periódico na Internet] 2005 [acesso em 26 de nov 2019]; 25(4): 626-35 Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932005000400011&lng=pt&nrm=iso
28. Beckert M, Irigaray TQ, Trentini CM. Qualidade de vida, cognição e desempenho nas funções executivas de idosos. *Estud. psicol.* (Campinas). [periódico na Internet] 2012 [acesso em 30 de abril de 2020]; 29(2): 155-62. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-166X2012000200001&lng=pt&nrm=iso
29. Lier DeVitto MF, Carielo da Fonseca S. Reformulação ou resignificação? *Cad. Estud. Linguíst.* (Online) [periódico na Internet] 1997 [acesso em: 01 de julho de 2020]; 33: 51-60. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cel/article/view/8637095>
30. Onocko-Campos RT, Furtado JP. Narrativas: utilização na pesquisa qualitativa em saúde. *Rev Saude Publica* [periódico na Internet] 2008 [Acesso em 26 de nov. de 2019]; 42(6): 1090-6. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0034-89102008005000052>